

1773. A monumental e minuciosa arte religiosa de Olinda, patrimônio cultural da humanidade, assim decidido pela UNESCO, já se impunha desde o século XVII. O centro de Salvador e do Recife já estava pronto desde antes. Ouro Preto, outro patrimônio cultural da humanidade, Diamantina, Tiradentes, Mariana... E as Missões ou Reduções, lá no Sul do país, desde 1756 já tinham sido destruídas, mas ainda restavam as suas ruínas com a sua arquitetura, a sua imaginária de fino gosto, feitas sem patrocínio nem de Espanha nem de Portugal, um exemplo que ainda se pode admirar de um povo que soube tirar proveito de técnicas européias e com elas exprimir a sua alma diferente.

Até nas chamadas artes menores, mãos hábeis, às vezes rústicas, às vezes já com incrível domínio técnico, podiam mostrar à Corte o que conseguiam arrancar do ouro, da prata, da madeira, do barro para enfeitar os casarões senhoriais, as igrejas, os conventos e as pequeninas e escondidas capelas das fazendas e dos engenhos.

Música, arquitetura, pintura, cantaria, entalhadura, metalurgia, estatuária, já tinham maioridade, já tinham uma personalidade no Brasil. E, um outro fato que não pode ser explicado por mera casualidade, todos os seus grandes nomes, ou quase todos, eram mulatos. Enquanto os poetas e os jornalistas eram na sua maioria brancos. Talvez porque estes faziam seus estudos na Europa, oriundos que eram de famílias abastadas, descendentes diretos dos colonizadores. Talvez, por essa razão, a cultura literária dessa época era menos livre, mais calcada nos padrões europeus, sem a criatividade ou sem a vitalidade e a força que diferenciavam outras artes. Não tínhamos ainda escritores autenticamente brasileiros.

Eles vieram depois. O primeiro jornal da Corte brasileira, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, quase só dava conta do que acontecia em Lisboa e em Londres, quando não copiava descaradamente, e publicava, as notícias que vinham de lá. As revistas – *O Patriota* e *A Idade de Ouro do Brasil* – não eram muito diferentes do jornal. O único jornal realmente brasileiro, e que fazia oposição – o *Correio Braziliense* – era, por ironia, editado e publicado em Londres!